

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: DESAFIOS E DIFICULDADES ENFRENTADAS PELO PROFESSOR EM SALA

AUTISTIC SPECTRUM DISORDER: CHALLENGES AND DIFFICULTIES FACED BY THE CLASSROOM TEACHER

Eliane Mota Ribeiro

Discente, ALFAUNIPAC, Brasil. E-mail: motaribeirilily@gmail.com

MS. Roberto Gomes Marques

Psicólogo-Mestre em Gestão de território e Especialista em Clínica-Analítico Comportamental, professor titular do curso de psicologia da faculdade - ALFAUNIPAC / Sócio da empresa ACOLHER- Clínica e estudos em Psicologia, CRP: 23.424-MG, Brasil. e-mail: robertogomesmarques@yahoo.com.br

Resumo

É crescente o diagnóstico do autismo e com ele cresce a preocupação em lidar com o TEA de forma eficaz e com técnicas adequadas baseadas em evidências. Em função da inclusão das pessoas com TEA no contexto escolar, tem sido um desafio para educadores lidar com dificuldades neste contexto. Desta forma, o objetivo do presente artigo é apresentar informações acerca das dificuldades encontradas pelo professor em sala com alunos com TEA. O artigo apresenta um breve histórico sobre o autismo, sua definição segundo critérios diagnósticos e algumas técnicas de intervenções utilizadas em indivíduos com TEA. Observa-se que é crescente o número de estudos sobre o assunto em busca de melhorar a condição não somente das pessoas com TEA, mas também das pessoas que lidam com o autista todos os dias. Este texto busca proporcionar então uma reflexão acerca das dificuldades dos professores ao terem alunos diagnosticados com TEA em sua sala, e na metodologia para a realização deste trabalho, foi utilizada a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, priorizadas as publicações de livros, artigos e trabalhos científicos dos últimos 10 anos, exceto autores considerados clássicos. Foi utilizada como fonte, os sites de trabalhos científicos e acervos pessoais do autor e orientador da pesquisa. Sobre as considerações finais deste trabalho, conclui-se que os autores argumentam sobre a necessidade da inclusão nas escolas para que as crianças com TEA tenham a oportunidade de conviver com outras crianças sem que haja exclusão e que, apesar de a inclusão estar se fazendo presente nas escolas, os professores encontram diversos obstáculos por não saber lidar com o crescente contingente de indivíduos com as características e dificuldades apresentadas neste espectro do TEA, sendo necessário a capacitação dos profissionais educadores para que eles possam dar um ensino de qualidade as

crianças com esse diagnóstico.

Palavras-chave: Autista; Inclusão; Professor.

Abstract

The diagnosis of autism is increasing and with it comes the concern about dealing with ASD effectively and with appropriate evidence-based techniques. Due to the inclusion of people with ASD in the school context, it has been a challenge for educators to deal with difficulties in this context. Thus, the purpose of this article is to present information about the difficulties encountered by the teacher in the classroom with students with ASD. The article presents a brief history about autism, its definition according to diagnostic criteria, and some intervention techniques used in individuals with ASD. It is observed that there is a growing number of studies on the subject in search of improving the condition not only of people with ASD, but also of the people who deal with autism every day. This text seeks to provide a reflection about the difficulties teachers face when they have students diagnosed with ASD in their classrooms. The methodology used for this work was a qualitative bibliographic research, prioritizing publications in books, articles and scientific papers from the last 10 years, except for authors considered classics. As a source, the sites of scientific works and personal collections of the author and research advisor were used. Regarding the final considerations of this work, it can be concluded that the authors argue about the need for inclusion in schools so that children with ASD have the opportunity to live with other children without exclusion and that, although inclusion is being present in schools, teachers face several obstacles for not knowing how to deal with the growing contingent of individuals with the characteristics and difficulties presented in this spectrum of ASD.

Keywords: Autistic; Inclusion; Teacher.

1. Introdução

O Autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que causa déficits persistentes na comunicação social, na interação social e comportamentos restritivos e repetitivos em diversos contextos. Grande parte desses indivíduos acometidos pelo transtorno apresenta a perda de interesse pelos estímulos presentes a sua volta, o que dificulta a aprendizagem.

De acordo com Silva (2018) “O Transtorno do autismo compõe um grupo de transtornos do neurodesenvolvimento que apresentam condições específicas de

atraso, no início do desenvolvimento infantil, antes do ingresso da criança na escola, e o acompanham ao longo de sua vida”.

O Autismo, tem algumas características que acompanham a pessoa pela vida toda, variando ao longo do tempo de acordo com as intervenções aplicadas durante a vida. Indivíduos com TEA (transtorno do espectro do autismo) podem apresentar déficits nas habilidades práticas, sociais e pedagógicas que vão das atividades mais complexas as menos complexas, tais como: apontar para objetos desejados, escolher um determinado alimento, pegar no lápis para escrever ou obedecer a comandos verbais, adaptar a mudança de rotina, interagir socialmente com uma outra criança, entre outras. Considera-se aqui, comportamento complexo aqueles que demandam maior habilidade motora ou intelectual (CARTILHA AUTISMO E EDUCAÇÃO, 2013).

A comunicação, verbal ou não verbal, é importante no desenvolvimento das crianças de um modo geral, e é a partir da comunicação que os pais ou cuidadores conseguem entender o que a criança está querendo ou sentindo. Quando a criança com autismo apresenta atraso na fala, pode por exemplo apresentar comportamento agressivo – da criança para o pai/cuidador - ou a auto-agressão causada pela frustração em situações que demanda algo do outro e não é atendida por não ser compreendida. No autismo a linguagem é constantemente enfocada, trazendo a importância do profissional da fonoaudiologia e da psicologia junto à equipe multidisciplinar para contribuir com intervenções no comportamento verbal no campo da aprendizagem.

Diante das peculiaridades encontradas no autismo é preciso observar intervenções e abordagens de diferentes campos profissionais para que seja resolvida não só a questão da socialização, mas também aprendizagens pedagógicas e práticas. A criança com autismo é capaz de frequentar a escola e desenvolver-se em diversos campos da aprendizagem para ser incluído de forma integral e tem esse direito legal a inclusão desde 2012, com a Lei conhecida como: Lei Berenice Piana – 12.764/2012.

A escola é fundamental para o desenvolvimento das habilidades sociais dessas crianças, mas para isso é preciso uma interação entre a pessoa com TEA e o professor, assim a inclusão se faz de uma necessidade indispensável, onde a mesma ajuda na adaptação dos professores e também no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos autistas. Não existe apenas uma abordagem específica que possa lidar com o manejo de comportamentos e método de ensino para lidar com essas crianças, mas há muitos estudos que apresentam evidências de métodos muito eficazes nos treinamentos que ajudam os profissionais a lidar de

forma mais assertiva diante de situações de dificuldades de aprendizagens como as que serão apresentadas neste trabalho.

Diante do que foi exposto, fica uma questão importante a ser observada: Quais os desafios enfrentados pelo professor em sala de aula diante de alunos com TEA? Por essa complexidade, e necessidade de fazer valer o direito de inclusão desses indivíduos, justifica-se a importância em conhecer as dificuldades dos profissionais que lidam diretamente com o aprendizado dessas crianças no âmbito escolar, com o objetivo de poder contribuir por meio do conhecimento científico para o processo de inclusão de forma mais eficaz.

Esse trabalho tem por objetivo geral descrever os desafios e as dificuldades que o professor encontra em sala com os alunos com TEA. O presente artigo buscou ainda descrever um breve histórico sobre o TEA; explicar técnicas de intervenções utilizadas em crianças com esse transtorno e apresentar como os professores lidam com os alunos que apresentam esse diagnóstico.

2. Metodologia

O presente artigo se trata de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, acerca das dificuldades que os professores encontram em sala de aula com alunos com TEA. Foram priorizadas as publicações dos últimos 10 anos, salvo os autores clássicos ou considerados importantes para a construção desse artigo como: Skinner, Montagner, Santiago e Souza e Kwee, Sampaio e Atherino. As fontes utilizadas para a pesquisa foram sites de trabalhos científicos, artigos, livros e demais produções científicas para melhor entendimento acerca do assunto proposto. O método de pesquisa escolhido permitiu a coleta de materiais relevantes para responder a problematização e o material selecionado para a produção deste trabalho ocorreu com a utilização de palavras-chave, como: Análise do comportamento, TEA, Autismo, professores, inclusão e a leitura previa dos resumos dos artigos selecionados, que foram úteis na elaboração da resposta ao problema de pesquisa.

3. Revisão da Literatura

3.1 Histórico sobre o Transtorno do Espectro Autista

Quando se fala em autismo as primeiras ideias que grande parte da população leiga tem, é a de uma criança que se isola de tudo e de todos, que vive em seu próprio mundo como se existisse uma barreira ao seu redor afastado de todas as outras pessoas. Imagina-se também que um autista seja uma pessoa muito diferente dos demais indivíduos e que apresente várias limitações, que não consegue comunicar ou até mesmo aprender. A falta de conhecimento sobre o assunto e muitas vezes a divulgação da mídia de forma equivocada, contribuem

para isso. Evidências no tratamento e acompanhamento apontam que crianças como autismo tem capacidade de entender e aprender quando utilizado métodos de intervenções adequados para ensinar indivíduos com as dificuldades do transtorno. Esses indivíduos inclusive apresentam muitas vezes habilidades absolutamente reveladoras, que contribuem para refletir sobre quem de fato vive alienado em relação à aprendizagem (SLVA; GAIATO E RIVELES 2012)

A palavra “autismo” vem do grego “autos” que significa voltar-se para si mesmo. Segundo Silva; Gaiato e Reveles (2012) a primeira pessoa a utilizá-la foi o psiquiatra austríaco Eugen Bleuler, em 1911, para descrever uma das características de pessoas com esquizofrenia, se referindo ao isolamento social dos indivíduos acometidos.

O autismo era associado á esquizofrenia por terem sintomatologias semelhantes como agressividade, isolamento, falas repetidas e etc. Em 1911 foi observado que as crianças desde o nascimento apresentavam comportamentos diferentes dos que apresentavam a maioria das outras crianças. Dificuldades na fala, interesse maior em objetos inanimados do que por pessoas, isolamento desde o início da vida, apego as rotinas, ecolalia imediata e tardia. Léo Kanner publicou em 1943 um estudo feito com algumas crianças em que falava dos sintomas apresentados pelas mesmas, ele relatou também como era o comportamento da mãe diante da criança e criou o conceito de mãe geladeira ao descrever o comportamento observado, por ele, nas mães de crianças com autismo, pois referiu que elas apresentavam contato afetivo frio, mecanizado e obsessivo (SILVA; GAIATO e REVELES 2012). De acordo com Silva; Gaiato e Reveles (2012) as mães fizeram reivindicações por não concordarem com a hipótese de causalidade do TEA apresentada Léo Kanner e, por não haver comprovação científica da sua teoria, ele se retratou com a sociedade.

Em 1944, Asperger denominou como Psicopatia Autística as manifestações dos transtornos na interação social, a dificuldade na fala, na coordenação motora e apresentação de baixa empatia. Diante desse estudo essa psicopatia ficou conhecida como Síndrome de Asperger.

Descreveu um transtorno da personalidade que incluía falta de empatia, baixa capacidade de fazer amizades, monólogo, hiperfoco em assunto de interesse especial e dificuldade de coordenação motora (quadro que depois ficou denominado como síndrome de Asperger) (SILVA; GAIATO e REVELES 2012).

Depois da década de 1960 a psiquiatra inglesa Lorna Wing também começou a fazer estudos voltados para o autismo, pois sua filha era portadora desta patologia, ela lia os escritos de Asperger e os traduzia para o inglês. Lorna mencionou pela

primeira vez a tríade de sintomas: alterações na sociabilidade, comunicação e padrão alterado de comportamento.

Segundo Silva; Gaiato e Reveles (2012), o psicólogo comportamental Ole Ivar Lovaas, introduziu a ideia de que as crianças com autismo aprendem habilidades novas através de técnicas advindas da terapia comportamental.

Até a década de 70 o autismo continuou sendo descrito como uma psicose infantil já na década de 80, o autismo deixou de ser visto como um tipo de esquizofrenia e passou a ser estudado de forma mais específica, com grande número de estudos científicos como os de Ole Ivar Lovaas e Lorna Wing, e sendo diagnosticado como um distúrbio do desenvolvimento, uma síndrome.

No Brasil em 1983 foi criada a Associação de Amigos de Autista (AMA), esse movimento foi criado por pais que em sua grande maioria tinham filhos com autismo. “Esses pais tinham como objetivo acolher, informar e capacitar famílias e profissionais, com um papel social e de pesquisa amplo de ajuda a todas as famílias com autismo da cidade, do estado e do país” (SILVA; GAIATO e REVELES 2012).

Atualmente a AMA procura capacitar os integrantes do grupo buscando novas informações e técnicas de como lidar com o autismo e repassam essas informações para os outros membros. O sucesso da associação foi grande e outros pais espalhados pelo país seguiram o exemplo da AMA criando assim a Associação Brasileira de Autismo (ABRA), que é uma associação que agregam todas as Associações de Amigos do autista.

O interesse público por indivíduos com TEA veio crescendo consideravelmente e isso se deu em parte pela atenção especial que os meios de comunicação deram ao tema. Diversos filmes como: Rain Man, Aprendiz de sonhador, Sei que vou te amar, Temple grandin entre outros, começaram a ganhar espaço na mídia. O tema começou a aparecer em novelas, rádios, jornais e revistas. O número de pessoas interessadas pelo autismo e pela causa cresceu e pais e profissionais começaram a ficar cada vez mais envolvidos com o tratamento, programas de intervenções e grupos de apoio a causa. (WHITMAN, 2015)

No dia 2 de abril é celebrado o Dia Mundial da Conscientização do Autismo, essa comemoração é um marco para a sociedade brasileira que luta constantemente para melhorias no tratamento e inclusão das crianças com autismo.

3.2 Dificuldades que o Professor Encontra com os Alunos que tem TEA

Crianças com autismo necessitam de atenção e de cuidados especiais seja em casa, na rua ou na escola. Os pais têm dificuldades em lidar com o filho Autista,

pois, eles apresentam atrasos na aprendizagem em diversos campos. Dificuldade na comunicação, na interação social e na aprendizagem são alguns fatores que dificultam que pais e professores consigam implicar esses indivíduos em atividades que muitas vezes não lhes interessa.

Mesmo o TEA sendo um assunto bastante estudado nos últimos anos, ainda há dificuldades por parte das pessoas em compreender e aceitar essas crianças que interagem pouco e se interessam pouco por aprender, principalmente no ambiente escolar.

A inclusão escolar é uma política pública que permite a garantia de que todas as crianças possam estudar independente das suas limitações motoras ou cognitivas. A legislação brasileira tem contribuído para normatizar práticas inclusivas que envolvem o ensino regular, a educação especial e a educação privada.

Receber alunos com deficiências na escola não é uma tarefa fácil, isso demanda comprometimento e muita dedicação não somente por parte dos professores, mas também por parte da equipe da escola. O ambiente tem que estar adequado para receber essas crianças.

Para Brande e Zanfelice (2012), receber alunos com deficiência, mais especificamente, com transtornos globais do desenvolvimento, é um desafio que as escolas enfrentam diariamente, pois pressupõe utilizar de adequações ambientais, curriculares e metodológicas. Então incluir não se resume em somente trazer as crianças especiais para a escola e sim adequar o ambiente para que essa inclusão possa se concretizar e para isso é preciso planejamento e cooperativismo entre as pessoas envolvidas no ensino-aprendizagem.

É útil lembrar que para um bom desempenho do professor e também do aluno na educação básica é preciso ter um ambiente favorável, que possa auxiliá-los no aprendizado, um ambiente adequado e professores capacitados a transmitir o seu saber. Na educação inclusiva é preciso um ambiente favorável e adaptado conforme a necessidade do aluno em questão. Como diz Skinner (1972) dadas as contingências, todo indivíduo é capaz de aprender. Há uma necessidade de arranjos de contingências que favoreçam a aprendizagem.

Como dito anteriormente, uma das características do autismo é a dificuldade na comunicação verbal. Com isso é necessário que na sala de aula em que se tem um aluno autista é preciso uma atenção maior no emprego de palavras e até mesmo frases. Segundo a Cartilha autismo na escola (2013), o uso de instruções verbais em excesso e de figuras de linguagem, como as metáforas ou ironias, tornam a recepção da informação pouco clara. Ai vem a necessidade de capacitação dos

educadores por que ao falar com o autista eles devem ter uma fala mais clara e objetiva e manter o contato visual para que esse diálogo obtenha sucesso.

Os professores encontram muitas dificuldades dentro da sala de aula diante de uma criança autista. Muitas das vezes essas crianças ainda nem foram diagnosticadas, sendo impossível preparar um espaço para elas. Com o diagnóstico em mãos é possível traçar um plano de aprendizagem que se adéque a criança. Desta forma, o diagnóstico é uma boa ferramenta porque a partir dele os professores irão entender as dificuldades que aquela criança em especial tem, por que o TEA é um transtorno com características bem amplas em cada criança. Por outro lado, o diagnóstico pode ser usado para discriminar aquele aluno, ou usado para justificar o não aprender. As variáveis que estão presentes no processo de aprendizagem são inúmeras e o diagnóstico não deve ser uma justificativa do não aprender, e sim uma condição de que aquele aluno precisa de recursos para aprender.

Os professores que tem em sua sala de aula alunos autistas tem dificuldades na execução de determinadas tarefas, seguir rotinas e regras da escola ou mesmo as de dentro da sala de aula. Outros desafios que também ocorrem são os interesses restritos e estereotipados que acontecem em situações diversas e tiram o foco tanto dos alunos quanto do professor, a agressividade - tanto para com o professor quanto para os outros alunos ou para si próprio- dificuldades na compreensão da fala (o aluno não entender o que o professor e os colegas estão falando ou o inverso), a aceitação do aluno pela turma, socialização do aluno, dificuldade em identificar o fato de o aluno se isolar, dificuldades pedagógicas dentre outras (CAMARGO, SILVA, CRESPO, OLIVEIRA E MAGALHÃES, 2020)

Outra dificuldade é a diversidade encontrada em sala, por não ter só o aluno com TEA de diferente, o professor tem que se adequar a outras formas de ensinar para atender a todos, utilizando de materiais específicos para a condição de cada criança, muitas vezes sem o apoio necessário. A falta de recursos, estratégias práticas e adaptadas para o manejo com autistas é uma das dificuldades que impedem o progresso do trabalho com o aluno.

A dificuldade em estabelecer a comunicação com a família também se torna um desafio aos professores, pois, muitos pais/cuidadores mesmo como diagnóstico em mãos não aceitam a condição da criança gerando conflito entre o que é trabalhado pelo professor na escola e o que o aluno tem que continuar a seguir em casa (CAMARGO, SILVA, CRESPO, OLIVEIRA E MAGALHÃES, 2020).

Apesar de a inclusão ser uma obrigação dentro das escolas, muitos professores não tem o treinamento adequado para lidar com as especificidades da criança com tal diagnóstico, aí vem a dificuldade. Para Rodrigues, Moreira e Lerner (2012), a ausência da linguagem e o alheamento fazem com que o trabalho a ser realizado pelo professor se afaste do que é prescrito pedagogicamente. Sem o treinamento é difícil trabalhar com essa criança por causa das dificuldades que cada criança apresenta e que são completamente diferentes umas das outras. E o próprio pré-conceito com relação às dificuldades da criança com TEA gera dificuldades no processo. Vale ressaltar que a inclusão que é feita nas escolas acaba se tornando uma exclusão, pois, os alunos com TEA ou outro tipo de síndrome, recebem tratamento diferenciado, as tarefas que são repassadas não tem relação com o que é ensinado aos outros alunos, tornando-se contraditório aos princípios da inclusão (CAMARGO, SILVA, CRESPO, OLIVEIRA E MAGALHÃES, 2020).

3.3 Técnicas de Intervenções Utilizadas em Crianças com TEA

Lidar com as dificuldades que uma criança com autismo apresenta não é fácil, isso implica tempo, paciência, dedicação conhecimento, que muitas pessoas não possuem, por isso, a importância da orientação de uma pessoa especializada na área que possa sanar todas as dúvidas seja dos pais, cuidadores ou professores.

Quando um psicólogo diagnostica alguém com autismo, ele o faz com base em comparações de comportamentos de crianças neurotípicas com critérios descritos no DSM – V (Manual Estatístico e Diagnostico de Transtornos Mentais) a respeito de descrições sintomáticas de desenvolvimento atípico, esse é o manual que estabelece e facilita o diagnóstico de doenças mentais a partir das características categorizadas.

Para ser diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista a criança tem que apresentar sinais que são percebidos desde os primeiros anos de vida. A palavra “espectro”, no que diz respeito o transtorno autista, quer dizer que existem graus ou níveis de diferenças no transtorno que variam de uma criança para a outra. “O DSM-V prevê três níveis de comprometimento (níveis 1, 2 e 3). O Nível 1 é o nível de menor comprometimento e o Nível 3 é o de maior severidade dos sinais (BORBA e BARROS, 2018).

Algumas crianças costumam apresentar sinais de autismo até os 3 anos de idade, outras vão regredindo ao longo do seu desenvolvimento, quanto mais cedo houver a percepção dos sinais e o começo da intervenção, melhor será o resultado durante o seu desenvolvimento.

As pessoas em geral, têm várias formas de aprender e com os autistas não poderiam ser de forma diferente. Como falado anteriormente, os autistas tem dificuldade na interação social e em receber comandos, então, para que a aprendizagem tenha sucesso se faz necessário utilizar alguns métodos como o ABA (Análise do Comportamento Aplicada), o PECS (Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras) e o TEACCH.

O método ABA pode ser definido como um método que se baseia em uma teoria comportamental específica advinda de pesquisas experimentais e se serve da observação e investigação de déficits e excessos comportamentais e sua relação de contingência com o meio. Sua aplicação é muito dinâmica e tem como proposta de descobrir e aplicar princípios comportamentais envolvidos na aprendizagem para criar intervenções baseadas em evidências.

ABA significa Análise do Comportamento Aplicada que é uma abordagem baseada em princípios científicos que tem sido identificada como uma das formas mais eficazes na intervenção a crianças diagnosticadas com autismo. Essa área do conhecimento está centrada na análise, explicação a associação entre ambiente, comportamento humano e a aprendizagem (BORBA e BARROS, 2018).

Como descrito por Borba e Barros (2018), ABA não se resume a um conjunto de técnicas ou a um método, ela se trata de uma abordagem teórica da psicologia e para casos de crianças com atrasos no desenvolvimento, propõe intervenções pontuais que permitem o progresso nos diversos campos da aprendizagem e tem sido umas das abordagens que mais tem apontado resultados com crianças com TEA.

Quando os comportamentos são analisados pode ser traçado um plano de ação para mudar aqueles comportamentos indesejados. A partir desse método é elaborado um plano de ensino, de acordo com as necessidades observadas que podem variar de um caso para o outro. O ambiente é estruturado de forma a agradar a criança deixando-a o mais confortável possível, a intervenção é feita da seguinte forma, os comportamentos desejados são premiados e a punição é rejeitada. Outros conceitos da análise do comportamento, também contribuem e são importantes para intervenções e métodos de ensino como por exemplo: emparelhamento de estímulos, generalização operante, técnicas de modelagem, modelação, extinção, esvanecimento e etc. No decorrer no processo de intervenções, com o tempo, é feita uma análise dos progressos e das dificuldades e o plano de intervenção é modificado e adaptado novamente às necessidades da criança. Esse método não deve ser usado só pelo psicólogo comportamental, mas sim, ter continuidade com os pais em casa e pelos professores na escola.

Na intervenção ABA o profissional elabora um currículo que depende de cada criança, mas geralmente é amplo; incluindo habilidades acadêmicas,

de linguagem, sociais, de cuidados pessoais, motoras e de brincar. O intenso envolvimento da família e da escola no programa é uma grande contribuição para o seu sucesso, uma vez que possibilita o aumento da intensidade da intervenção (BORBA e BARROS, 2018).

Nessa intervenção é feita uma programação acerca das necessidades da criança de forma que ela possa se desenvolver não só em casa, mas, em qualquer ambiente no qual ela esteja inserida. Por isso é importante que as atividades que são trabalhadas em consultório sejam também trabalhadas em casa e na escola.

A comunicação pode ser classificada em comportamento verbal – que faz o uso da fala - e não-verbal – que faz o uso de sinais. Uma das dificuldades do autista é a comunicação e tal déficit dificulta também a interação social. O PECS é um método de comunicação utilizado para trabalhar com as crianças com TEA.

[...] é um método de intervenção em CSA baseado em princípios comportamentais básicos (modelagem, reforçamento diferencial e transferência de controle de estímulos, por exemplo) no qual a criança aprende a requisitar objetos ou atividades de interesse por meio da troca de figuras pelos itens (potenciais reforçadores) (OLIVEIRA e JESUS, pag. 24, 2016).

Esse método faz com que a criança autista possa se comunicar através de figuras. O primeiro tipo de comunicação ensinado pelo PECS é o de requisitar itens. Quando uma criança pede algo ela está emitindo o comportamento de mando, que é um comportamento verbal, segundo Skinner (1957) sob controle do estado de privação ou estimulação aversiva. Um comportamento em que o reforçador é mediado pelo ouvinte. Com o PECS as crianças com dificuldades na fala adquirem habilidade funcional e conseguem assim a atenção das outras pessoas para pedirem o que desejam através de figuras.

Emitir comandos é muito importante para as crianças, pois é a partir desses comandos que eles aprendem a comunicar qual a resposta que aquele comando irá receber. Utilizar o método PECS é bem vantajoso, pois, exige pouca capacidade motora e de fácil utilização.

A abordagem TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children) tem uma proposta educacional ampla e eclética. O tratamento e método de educação de crianças autistas que apresentam desvantagens na comunicação, foi desenvolvida por Eric Shopler na universidade da Carolina. Atualmente é bastante utilizado nos Estados Unidos. O método foi bastante divulgado em diversos países e consiste num programa de desenvolvimento educacional individualizado para cada aluno. Tem como primeiro passo, uma avaliação do indivíduo levando em consideração as suas limitações e necessidades físicas, psicológicas e de habilidades praticas. O objetivo do programa é melhorar a adaptação do aluno e desenvolver suas habilidades se

servindo de um ambiente de ensino estruturado para diminuir a distração do aluno. Os pais apresentam uma contribuição fundamental na equipe e atuam como professores ampliando o programa ao atuarem em casa com as atividades propostas (WAHITMAN, 2015).

4. Considerações Finais

A presente pesquisa mostrou que o Transtorno do Espectro Autista, antes de ser definido como um transtorno do neurodesenvolvimento foi confundido com a esquizofrenia pelo fato de que aparentemente alguns comportamentos e sintomas dos autistas eram similares aos das pessoas esquizofrênicas, essa similaridade deixou de existir e o autismo passou a ser estudado de forma mais científica sendo diagnosticado como um distúrbio do desenvolvimento, uma síndrome.

Observou-se também que o diagnóstico é feito através das características comportamentais da criança com suspeita de autismo juntamente com as especificações apresentadas no DSM – V (Manual Estatístico de Transtornos Mentais) onde é estabelecido o diagnóstico dos transtornos mentais a partir das características contidas nele. Com o diagnóstico precoce é possível traçar planos de intervenção para a melhoria da condição de vida do autista, dos professores e cuidadores do mesmo. Os planos de intervenção apresentados no presente trabalho foram a técnica ABA (Análise do Comportamento Aplicada), que não é um método específico apenas para autistas mas se mostrou eficaz como intervenção para os mesmos, o método PECS que é um método de comunicação utilizado para trabalhar com crianças com TEA que mostrou muitos resultados e o método TEACCH que ao avaliar o indivíduo tendo em vista suas limitações e necessidades, tende a melhorar a adaptação do aluno e desenvolver suas habilidades utilizando um ambiente de ensino estruturado para evitar distrações que possam ocorrer.

Apesar de ter havido muitas mudanças, ainda há muitas modificações que podem ser feitas, pois, as contingências mudam, há novos estudos e novas descobertas que auxiliam na capacitação dos pais, professores e cuidadores de forma a melhorar os comportamentos relacionados a aprendizagem, o vínculo social, a extinção de comportamentos aversivos entre outros.

Foram apresentadas no presente texto a importância da inclusão nas escolas referindo-se aos autistas, pois ao coloca-los junto as demais crianças e modificando o ambiente em que ela está inserida, possibilita o melhoramento da comunicação, ajuda na interação social e modifica os comportamentos, apesar do fato de que por diversas vezes a inclusão acaba se tornando uma exclusão devido a forma com que é aplicada.

Por fim, observou-se também as dificuldades encontradas pelo professor quando não se tem o preparo adequado ao se deparar com alunos autistas em sala, pois, esses alunos geralmente apresentam diversos sintomas como prejuízos cognitivos, atrasos da linguagem e alterações comportamentais que podem ser a agressividade, autoagressividade e estereotípias diversas, há dificuldades na aplicação de regras e rotinas, mudanças de hábitos, socialização com os alunos e a comunicação com os familiares que muitas vezes não aceitam o diagnóstico da criança. Diante desses sintomas e dessas situações é difícil para o professor trabalhar de forma eficaz sem o apoio ou o a capacitação que é necessária para lidar com o que pode acontecer em sala. Cada aluno aprende de uma forma diferente sendo necessário uma manejo do professor para que cada um consiga aprender o conteúdo ensinado, com o aluno autista os ensinamentos acabam por se transformar em um desafio, pois os autistas apresentam comportamentos e dificuldades diferentes dos demais alunos, precisando de uma atenção e uma forma de ensino específica com a introdução de técnicas que possam auxiliar no aprendizado. Desta forma, as reflexões têm como objetivo contribuir para as futuras pesquisas acerca das dificuldades que os professores encontram com crianças com TEA.

Referências

Kwee, C. S; Sampaio, T. M. M; Atherino, C. C. T. **Autismo: Uma Avaliação Transdisciplinar Basesada no Programa TECCH**. Ver. CEFAC, v11, Supl.2, 217-226, 2009

Montagner, J; Santiago, E; Souza, M. G. G. **Dificuldades de Interação dos Profissionais com Crianças Autistas de uma Instituição Educacional de Autismo**. Arq. Cienc. Saude 2007 jul-set, 14(3) 169-74

Silva, A. B. B; Gaiato M. B; Reveles, L. T. **Mundo Singular Entenda o Autismo**. Fontanar 2012.

BORBA, M. M. C.; BARROS, R. S. **Ele é autista: como posso ajudar na intervenção? Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico-comportamental ao autismo**. Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), 2018.

Oliveira, T. P; Jesus, J. C. **Análise de sistema de comunicação alternativa no ensino de requisitar por autistas** Psic. da Ed., São Paulo, 42, 1º sem. de 2016, pp. 23-33

Rodrigues, I. B; Moreira, L. E. V; Lerner R. **Análise institucional do discurso de professores de alunos diagnosticados como autistas em inclusão escolar** Universidade de São Paulo, São Paulo – SP – Brasil. Psicologia: teoria e prática, v. 14, n. 1, p. 70-83, 2012.

Bruni, A.R; Gadia, C, M. D; Marco, C. L. S. T; Hora, C. L; Guilhardi, C; Bordini, D; Portolese, J; Bagaiolo, L; Macedo, L. M; Martone, M. C. C; Andrade, M; Mendes, M. H. T. O. S; Duarte, V. R. **Cartilha autismo e educação**, Autismo & Realidade, São Paulo 2013.

Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos **LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012**. Disponível em:
<https://legislacao.presidencia.gov.br/>

Skinner, Burrhus Frederic, 1904 - **Comportamento verbal** / B. F. Skinner: tradução de Maria da Penha Villalobos – São Paulo: Culuz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

Whitman, T. L. **O desenvolvimento do autismo: social, cognitivo, linguístico, sensório-motor e perspectivas biológicas**. (2015) editora MBOOKS- são Paulo.

Skinner, Burrhus Frederic, 1904 -**Tecnologia do ensino**; tradução de Rodolpho Azzi. São Paulo, Herder, Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.

Camargo, S. P. H; Silva, G. L; Crespo, R. O; Oliveira, C. R; Magalhães, S. L. **Desafios no Processo de Escolarização de Crianças com Autismo No Contexto Inclusivo: Diretrizes para Formação Continuada na Perspectiva dos Professores**. EDUR. Educação em Revista. 2020; 36:e214220 DOI: <http://dx.doi.org/10.159/0102-4698214220>